



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

IRIANE SCHRAMMEL

**CONTEXTUALIZANDO NOVOS TERRITÓRIOS DO
SABER: A PSICOLOGIA DO DESASTRE**

ARIQUEMES - RO
2015

IRIANE SCHRAMMEL

**CONTEXTUALIZANDO NOVOS TERRITÓRIOS DO SABER:
A PSICOLOGIA DO DESASTRE**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do título de Bacharel e Licenciatura.

Prof.^a Orientadora: Ms. Carla Patrícia Rambo

Ariquemes - RO

2015

Iriane Schrammel

CONTEXTUALIZANDO NOVOS TERRITÓRIOS DO SABER: A PSICOLOGIA DO DESASTRE

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel e Licenciatura.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora Ms. Carla Patrícia Rambo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof^a. Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof. Esp. Leonardo Silva Pereira
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Ariquemes, 19 de novembro de 2015.

Ao meu Deus, meu porto seguro e minha fortaleza também nessa caminhada; ao meu pai, meu maior exemplo de perseverança; à minha mãe, por apoiar-me em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela fidelidade e sustento que moveu a favor da minha vida. A fé que depus em nele, a força que recebi nas orações, os momentos em que cogitei desistir por pensar que eu havia chegado ao meu limite... em cada passo que dei, Deus me mostrou que eu conseguiria avançar, ir mais, além.

Aos meus pais pelo apoio e pela motivação que ofereceram, por estarem ao meu lado incondicionalmente. Nos momentos de estresse e frustração, foram meus ajudadores contínuos que chegaram até aqui, comigo, nesse dia chamado vitória. Pai querido, que mesmo em meio às dificuldades, investiu em mim e fez com que meu sonho valesse a pena.

À digníssima Professora Orientadora Carla Patrícia Rambo, a representação da mão de Deus e da luz de Deus ao prestar sua orientação sobre o tema deste meu trabalho, assegurando-me uma abordagem que enriqueceu os conhecimentos até então obtidos.

Ao meu namorado, Amósio Roberto Lucena, que se fez presente no decorrer da graduação, por seu abraço acolhedor nos momentos de angústia e cansaço. Pelo apoio, carinho, motivação.

Aos meus irmãos, Franciele, Elton e Tainara Mariana Schrammel, agradeço a confiança e o incentivo.

À minha amiga Lirani, tão companheira e paciente, sempre disponível e prestativa, conselheira para todas as horas.

Débora, Jéssica, Luana, Rhafaela, Uislaine Rafaela: cada momento ao lado delas foi um presente. A parceria e o companheirismo acrescentaram ânimo e vigor a cada uma de nós. Leia-se "se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi".

Aos professores, obrigada pelo ensino e pela dedicação; aos colegas de curso, pelos momentos que juntos percorremos. Tão logo vamos formar e seremos renomados psicólogos.

Aos familiares que, mesmo longe fisicamente, foram atenciosos e otimistas. À tia Rozani, que indicou e emprestou livros da área de Psicologia, me incentivando a buscar histórias interessantes e relevantes.

Ao Eduardo B. Schmitz e Beatriz Preuss pelo apoio e disponibilidade.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho. Eu agradeço por fazerem parte da minha torcida.

*Se chorei
Ou se sorri
O importante
É que emoções eu vivi.
São tantas já vividas
São momentos que eu não esqueci
Detalhes de uma vida
Histórias que eu contei aqui.*

(Roberto Carlos)

RESUMO

A Psicologia é uma ciência que estuda o indivíduo e tem como finalidade contribuir com o desenvolvimento psíquico de pessoas que buscam por auxílio. No decorrer da história da Psicologia enquanto ciência, a mesma passou por várias mudanças sociais e culturais, saindo assim do restrito âmbito clínico. Diante dessas mudanças, percebeu-se a necessidade da Psicologia adentrar outros campos, como as organizações, as escolas, o social, a saúde e, há pouco tempo, o campo ambiental. Diante do aumento de desastres ambientais, surgiu uma parceria da Psicologia com a Defesa Civil, a fim de auxiliarem as pessoas afetadas por diversos tipos de desastres. Este estudo enfatiza a importância dessa parceria que busca resultados com êxito, bem como os encaminhamentos que realiza das situações e dos problemas causados por desastres ambientais. Nesse contexto, é necessária a formação de equipes capacitadas e preparadas para lidar com indivíduos que se encontram em estado de desalento, junto à equipe de psicólogos, mediante urgências e emergências.

Palavras-chaves: Psicologia do Desastre, Psicologia Ambiental, Defesa Civil.

ABSTRACT

Psychology is a science that studies the individual and aims to contribute to the mental development of people seeking for help. Throughout the history of psychology as a science it went through several social and cultural changes, leaving the restricted clinical setting. Faced with the changes it was necessary to embark on other fields, such as in organizations, schools, social, health and recently in the environmental field. In the face of increasing environmental disasters, there was a partnership of psychology together with Civil Defense to work with people who are affected by several kinds of disasters. This study proposed to show the importance of this union between Civil Defense and psychology for better results and referrals of situations and problems caused by environmental disasters, which in this context should have teams trained and equipped to deal with individuals who are in a state of discouragement along with the team of psychologists facing emergency care.

Keywords: Disaster Psychology, Environmental Psychology, Civil Defense.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	14
3 METODOLOGIA	15
4 REVISÃO DE LITERATURA	17
4.1 A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA	17
4.2 PSICOLOGIA AMBIENTAL – ALGUNS APONTAMENTOS	19
4.3 DEFESA CIVIL	22
4.4 A PSICOLOGIA E O DESASTRE	26
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

A palavra "desastre" é forte e traz consigo um sentimento ruim, representando catástrofe/tragédia. Para que algo dessa magnitude ocorra, cogita-se que algo não está correto. Nesse sentido, o presente trabalho contribui para a quebra de alguns tabus frente aos desastres na vida e dos "porquês" dos mesmos ocorrerem, bem como aborda o papel que a Psicologia pode abraçar/abranger diante de algum fato.

A Psicologia, frente às mudanças sociais e culturais necessita, no decorrer da história da ciência, sair de uma prática estritamente clínica para uma atuação mais abrangente, voltada para as comunidades e à sociedade. Porém, a práxis *psi*, enquanto plasticidade científica, precisou expandir seu campo de atuação. Como exemplo temos o Brasil que, nos últimos anos, vivenciou vários acontecimentos naturais que assolaram Estados, cidades e bairros. Esse cenário caótico necessitou da intervenção tanto da Defesa Civil quanto da Psicologia para atenderem comunidades frente aos desastres ambientais acometidos. Tais como o tornado que destruiu metade da cidade de Xanxerê em 21 de abril de 2015, localizada a oeste do estado de Santa Catarina. (TORRES, 2015)

Esses desastres considerados naturais são os tipos mais comuns de eventos traumáticos que trazem grande sofrimento para os afetados, sendo corriqueiros na história da humanidade. Nesse sentido, a Psicologia desenvolve um trabalho com profissionais capacitados para lidar com os choques sofridos pelos indivíduos, como também junto à sociedade atingida, que traz consigo respostas físicas e emocionais.

Essas respostas, Franco (2005) menciona como sendo um evento traumático. Para o autor, esse evento é durável e está sempre presente em memórias repetitivas, tais como: imagens, sonhos, sentimentos que trazem fatos como se o episódio traumático estivesse ocorrendo outra vez. Ilusões e alucinações são bem frequentes, quando se tem a sensação de que a pessoa ainda está viva, junto aos *flashbacks* dissociativos. O enlutado tem problema para se conformar com a nova realidade, dificuldade essa que é aguçada em circunstâncias de perda

brusca ou inesperada. A intervenção psicológica em emergência busca diminuir o estresse agudo que é ocasionado pelo impacto do trauma.

Sabendo que a Psicologia acolhe pessoas em suas dificuldades, também é necessário acompanhar e aconselhar quando uma comunidade encontra-se vulnerável em seu local de moradia e acabam metabolizando os impactos das ações naturais, sejam elas de ordem geológica ou climática, ocasionando um maior indicador de vitimados, especialmente em países de desenvolvimento irregular. (RODRIGUES, 2008 *apud* MELO; SANTOS, 2011).

Perante todo o trabalho frente a um desastre, observamos várias pessoas empenhadas em colaborar na amenização das situações vivenciadas nesse contexto. Sendo assim, buscou-se apontar alguns trabalhos que podem ser oferecidos pela Defensoria Civil e Psicologia ao indivíduo, à comunidade ou até mesmo, cidades afetadas por desastres.

Há quem pense nas tarefas realizadas pelos psicólogos apenas como aconselhamento e acompanhamento psicológico. Entretanto, os mesmos também realizam o trabalho pré, durante e pós desastres, levando em conta os cenários críticos encontrados frente às emergências e urgências, assegurando a promoção e a prevenção da saúde. Para isso, faz-se necessário uma preparação da equipe, que contará com a colaboração da comunidade, a fim de realizar seu trabalho, minimizando as mazelas ocasionadas pelo cenário afetado.

Esse campo de atuação, por ser ainda recente, dispõe de poucas produções científicas brasileiras. Contudo, há movimentos e profissionais que tem alavancado o trabalho com desastres, como estratégia para uma atuação eficiente. O primeiro e o segundo Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres: Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras juntamente com as publicações da psicóloga Angela Elizabeth Lapa Coêlho, agregaram grandes contribuições em busca de mudanças, incluindo a Psicologia com a equipe de Defesa Civil no cenário de desastres.

Esses apontamentos denotam o porquê do interesse em pesquisar sobre o tema. Enquanto acadêmica de Psicologia, solicitei ajuda da minha Coordenadora de Curso, Carla Patrícia Rambo, e me interessei pelo assunto abordado no decorrer do projeto. Acredito que nenhum ser humano vive sozinho, sem necessitar da ajuda de outros. Um trabalho emocionalmente recompensador é sinônimo de paz e esperança para aquele que o realiza. Essas considerações estão preconizadas no

Código de Ética Profissional (2005) no Art. 1º, item d: "Prestar serviços profissionais em situação de calamidade pública ou de emergência, sem visar benefício pessoal".

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Discutir sobre a atuação do psicólogo frente às urgências e emergências dos desastres ambientais.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Compreender a história da Psicologia diante das mudanças psicossociais, culturais e ambientais;

- Entender a atuação do psicólogo frente aos desastres ambientais.

3 METODOLOGIA

A presente proposta acontecerá na forma qualitativa de pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2010), a mesma desenvolve-se a partir de etapas, que dependem de fatores, tais como: natureza do problema, nível de conhecimento do pesquisador, grau de precisão de autores encontrados, entre outros.

Nessa etapa, serão descritos todos os tipos de métodos utilizados para o desenvolvimento e realização da pesquisa, assegurando então um plano de trabalho constitui fundamentando os pressupostos que baseiam a pesquisa.

Segundo Marconi e Lakatos (2010), a elaboração de trabalhos depende de várias etapas, que serão descritas a cada ponto um pouco mais sobre o assunto selecionado para ser tratado, de forma que fique claro o objetivo. Para tanto, faz-se necessário examinar, ter conhecimento e avaliar o tema, discorrendo de forma clara o assunto. A pesquisa tem como foco a busca por dados verídicos, encontrando as respostas desejadas para as presentes propostas, utilizando métodos científicos.

Segundo Marconi e Lakatos (2006), uma pesquisa aprofundada tem como objetivo sistematizar as informações trazidas em meio à seleção de tópicos, demonstrando na forma mais clara os dados analisados, definindo para tanto, o problema. Assim, ultrapassa-se os muros clínicos, sociais, escolares, hospitalares, organizacional da Psicologia, para adentrar um campo ainda pouco explorado e pesquisado. A Psicologia do Desastre é uma atuação que requer todas as áreas acima mencionadas, pois trata de um trabalho de urgência e emergência que quebra os paradigmas ainda existentes na Psicologia, proporcionando uma Psicologia Ampliada – para todos.

De acordo com Lakatos e Marconi (2011), a importância do método está em ajudar a compreender e alcançar os objetivos com procedimentos válidos, permitindo através de hipóteses a busca por compreensões científicas que auxiliam na investigação e a obtenção pela verdade. (p.46)

Os artigos empregados tiveram como embasamento as seguintes fontes: Scielo, Metodista, ABEPSI, CFP, Abrapede (Associação Brasileira de Psicologia nas Emergências e Desastres), e os seguintes descritores: Psicologia Ambiental; Psicologia do Desastre; Psicologia social; urgência e emergência em desastres. Esses descritores possibilitaram uma leitura mais aprofundada acerca da temática

escolhida, auxiliando uma busca de qualidade e veracidade. Não se encontra muitas abordagens sobre o tema porque o mesmo é recente e está em desenvolvimento, mas o que foi abordado é de grande valia mediante os fatos que ocorrem cotidianamente. Como critério de inclusão estão todos os artigos, seminários e outras formas de pesquisa, trazendo claramente o tema abordado, ou uma referência específica de algum tópico utilizada especificamente para o desenvolvimento do trabalho; e de exclusão, as pesquisas que não acrescentassem conteúdo pertinentes ou repetidos ao que já havia sido citado.

Para realização do projeto, foram pesquisados e lidos trinta e seis materiais científicos, entre eles artigos, seminários, entrevistas e livros, porém dezenove foram referenciadas com base em revisões bibliográficas e estudos de caso. Nesse momento, é importante esclarecer e até justificar o acervo científico encontrado para a temática proposta nesta pesquisa, já que trata-se de um assunto ainda recente nas pesquisas científicas, o que esclarece e justifica os trinta e seis materiais científicos encontrados e os dezoito materiais que obedeceram ao critério de inclusão. Para tanto, utilizou-se de entrevistas documentais, seminário referente ao tema, pesquisas on-line, livros e artigos, buscando também acervo na Biblioteca Julio Bordignon, localizada na Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA, e materiais cedidos por terceiros, datados entre 2005 a 2014, como também obras clássicas.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Para um melhor entendimento sobre o assunto pautado, é de grande importância referenciar a história da Psicologia e, posteriormente, chegar ao foco desta pesquisa.

A Psicologia é uma ciência que estuda o indivíduo. Segundo Weiten (2011), o termo Psicologia origina-se de duas palavras gregas: Psique, que diz respeito à alma, espírito ou mente, e logos, referente ao estudo de um assunto. Somente no início do século XVIII o termo Psicologia começou a ser conhecido, significando "estudo da mente". Assim, a Psicologia emergiu como disciplina científica ao final do século XIX.

O mesmo autor propõe que os "pais intelectuais" da Psicologia foram a fisiologia e a filosofia. Wilhelm Wundt (1832-1920) luta para tornar a Psicologia uma disciplina independente. Com isso, 1879 foi batizado como o "ano de nascimento" da Psicologia. Dessa forma, a Psicologia tornou-se o estudo científico da experiência consciente, tendo como foco o estudo da mente.

Dando continuidade ao pensamento do autor, surge então uma batalha entre os pensamentos estruturalistas, que viam como tarefa da Psicologia analisar a consciência nos seus elementos básicos, investigando como esses se relacionavam. No modo funcionalista, a crença era de que a Psicologia deveria investigar a função ou o propósito da consciência, ao invés de estruturá-la. (WEITEN, 2011).

Em 1950 a Psicologia chega à maturidade como profissão. Sendo assim, nota-se que ela é uma ciência, tendo um lado prático aliado ao entendimento. Seu desenvolvimento foi lento, visto que seu ramo principal era o trabalho clínico. Durante as décadas de 40 e 50, a Psicologia se manteve estável, até que se tornou madura e forte, dispondo atualmente de várias especialidades profissionais, nas áreas educacional, industrial, organizacional, de aconselhamento, no âmbito social, entre outras. (WEITEN, 2011).

De acordo com Furtado (2012), percebemos que os campos de trabalho para os Psicólogos vão além de consultórios particulares e prestação de atendimentos individualizados. Expandindo para outros âmbitos, a Psicologia tomou forma e está capacitada para lidar com várias outras questões, buscando melhores condições de trabalho, onde possa ajudar e satisfazer quanto à sua profissão, sendo valorizado em sua atuação.

Antunes (2012) complementa que, com o passar dos anos, a Psicologia gradualmente busca novas áreas para lidar em prol da sociedade, que requer uma transformação necessária podendo acompanhar o desenvolvimento contínuo, passando de um trabalho clínico, educacional e hospitalar para outros campos tão importantes como esses citados. Nesse sentido, a Psicologia está se fortalecendo como ciência e profissão, de forma a ampliar e atuar frente as demandas originadas por esta evolução. Percebe-se que a mesma atende questões que antes não eram priorizadas, atuando com qualidade em demandas sociais, transformando a sociedade.

Percebe-se que os psicólogos estão tentando entender as experiências e conhecimentos individuais de pessoas com distintas culturas, a partir do ponto de vista delas. A Psicologia se desenvolve em um contexto histórico-social, buscando interligar o que acontece em si e de forma geral na sociedade, sendo instâncias distintas que se interagem. (WEITEN, 2011).

Neves (2009) aborda que a Psicologia social foi construída no Brasil no final dos anos 1970, analisando e explicando as influências do meio social, avaliando e promovendo a adaptação do indivíduo na sociedade. A Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) surge então no Brasil em 1980, tendo como objetivo descobrir novos recursos metodológicos, orientando práticas sociais com embasamento em referenciais teóricos epistemológicos. A concepção de ser humano recoloca a analogia indivíduo e sociedade, propondo a construção de um espaço de encontro em que um implica o outro e vice-versa.

Desde então, a Psicologia vem conquistando cada vez mais seu espaço com novos estudos e descobertas. Nesse sentido, coopera cada vez mais com a comunidade no que diz respeito às mudanças psicossociais, culturais e ambientais.

4.2 PSICOLOGIA AMBIENTAL – ALGUNS APONTAMENTOS

A Psicologia Ambiental tem por finalidade estudar o comportamento humano, buscando a inter-relação com o meio ambiente. Conforme Moser (2005) relata, "A Psicologia Ambiental estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações - e não somente as relações – entre a pessoa e o meio ambiente físico e social". Neste sentido, a Psicologia Ambiental vem abordar o fato de que os aspectos sociais e físicos do ambiente são influenciáveis quanto ao comportamento das pessoas, da mesma forma o inverso ocorre, o ambiente traz grandes influências sobre a população, de modo que afetem um ao outro.

Para Coêlho (2012), a Psicologia tem como função quatro etapas indicadas pela Defesa Civil Brasileira: prevenir, preparar, dar resposta e reconstruir. É preciso destacar a expectativa de que a cultura da prevenção se abrigue como uma premissa diante a atuação dos psicólogos e demais indivíduos envolvidos nessa tarefa construindo comunidades mais seguras.

O significado de todo evento é uma interação complexa entre o evento, o passado e o presente da pessoa bem como o seu contexto social. O significado do evento para as pessoas afetadas determina não somente como a situação é vivenciada inicialmente, mas também a maneira em que a recuperação ocorre e a vida será restabelecida. Conseqüentemente, o significado do contexto não está somente no contexto em si, nem nas pessoas, mas também na interação entre as pessoas e o evento (COÊLHO, 2012, p. 1).

No sentido de que há todo um contexto por trás de eventos (sejam eles ambientais, sociais ou outros), leva-se em conta a discussão de que deve haver a interação entre indivíduo e ambiente.

Günther e Rozestraten (2005) afirmam que, tanto o ambiente influencia o comportamento, como o comportamento influencia o ambiente. A Psicologia Ambiental prioriza a análise entre a relação de indivíduo-ambiente. Muitos aspectos da Psicologia Ambiental estão ligados à área da Psicologia social, como: ao lidar com as populações, o espaço pessoal, procedimentos metodológicos e outros.

Corral-Verdugo (2005) argumenta que, sendo o ser humano um sujeito social é capaz de modificar e induzir mudanças na composição ambiental, porém, também estão expostos ao ambiente que traz respostas quando o indivíduo o afeta de alguma forma, o que vem a constituir um ambiente sócio-físico. A Psicologia Social e

a Psicologia Ambiental estão interligadas a trabalhos realizados com indivíduos e possuem semelhanças, porém cada uma possui sua função. No sentido da Psicologia Ambiental, ocorre o fato de que as pessoas são parte da natureza, no entanto faz-se necessário considerar o uso de recursos oferecidos e, é neste sentido que se engloba o trabalho oferecido por esta área de atuação. Já na Psicologia Social realiza-se um trabalho além, se englobando a várias outras formas de afazer, lidando com a população em seus contextos sociais.

[...] O surgimento da Psicologia Ambiental na década de 1970 é comumente atribuída a um aumento de problemas ambientais e à incapacidade patente da Psicologia tradicional em lidar com os mesmos. (GÜNTHER; ROZESTRATEN, 2005, p. 2-3).

Conforme citação acima, com o aumento dos problemas ambientais houve a necessidade de capacitação de profissionais da área da Psicologia, voltada para questões relacionadas ao indivíduo e o meio ambiente. Normalmente, esses problemas ocorrem devido às dificuldades sociais emergentes, que se apresentam através da natureza multidisciplinar; e nesta equipe, insere-se o Psicólogo, na medida em que:

A partir de 2006, a Secretaria Nacional de Defesa Civil aceitou a proposta de trabalho do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e, em colaboração, foi realizado o I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres. Desde então, diferentes iniciativas têm sido realizadas. O ponto culminante dessa colaboração foi a realização da 1ª Conferência Nacional de Defesa Civil (I CNDC), quando o CFP participou ativamente do processo de construção das atividades e dos debates sobre o tema. Essa participação foi marcada todo o tempo pela busca de vitalidade e exercício pleno dos processos democráticos na construção de uma política pública de Defesa Civil. (CFP, 2011. p. 23).

Sendo assim a partir de 2006 firmou-se o acordo entre o Conselho Federal de Psicologia com a Defesa Civil, no intuito de atender populações afetadas pelos problemas ambientais.

Para Günther e Rozestraten (2005), a Psicologia não trabalha sozinha, caminha junto com outros profissionais, tais como: arquitetos, paisagistas, climatólogos e outros, focados num mundo real. Ainda que a Psicologia Ambiental esteja integrada com outras áreas, ela se distingue quando volta sua atenção ao lugar e à localização dos indivíduos diante dos subsídios de seu ambiente, estudando os fatos psicológicos e mantendo uma atitude ética.

Mesmo que os indivíduos atuem sobre o ambiente, também os ambientes se modificam devido à influência sofrida pelas condutas humanas. Nesse sentido, considera-se como o indivíduo analisa o ambiente e abrange-o, pois também está sendo influenciado.

A Psicologia Ambiental lida com situações que dizem respeito às mudanças de ambiente (espaço), exemplificando a saída de uma cidade grande para morar no interior ou vice-versa.

Afora a dimensão espacial, a Psicologia Ambiental também considera a dimensão tempo (futuro, passado, história). Quando falamos em dimensão de tempo, discorremos sobre o agravante de adoção de conduta pró-ambientais. Por exemplo os comportamentos adotados no consumo consciente da água. Muitas pessoas acabam tornando-se individualistas, ou seja, não pensam na comunidade como um todo e, nos agravantes que seus atos podem acarretar para a sociedade. Além das consequências imediatas que a escassez de água provoca na saúde física a insatisfação de um indivíduo com o meio em que vive pode ser um facilitador para emergências de algumas doenças, sejam elas físicas ou mentais.

Muitas vezes, a relação cultural determina a escolha do indivíduo: A etnia, as relações vividas, é o que torna o lugar hierarquizado. A habitação é como um ponto central, um lugar em que a relação com o ambiente e a ecologia cultural vem compreender toda uma visão de um povo, onde se constrói o lugar desejado. (VASCONCELOS, 1996). No entanto, os principais problemas ambientais são acarretados através do meio cultural dos indivíduos, pois tende a seguir os mesmos hábitos dos seus antecedentes, Um ribeirão, que foi criado às margens de um rio, por exemplo, repete o comportamento passado de geração para geração.

A autora mencionada declara que, para um melhor entendimento, faz-se a distinção entre sociedade e cultura. A sociedade parte para o lado de significar relações típicas, já à cultura refere-se à produção e organização. Quando pensamos em espaço cultural, sabemos que o ambiente pode mudar, desajustes podem acontecer. Para isso, é preciso que haja uma contribuição política a fim de chegar a uma boa habitação. (VASCONCELOS, 1996).

4.3 DEFESA CIVIL

Quando as condições sociais e culturais expõem o indivíduo ao risco, comprometendo sua vida no ambiente, surgem os desastres. Estes necessitam ser atenuados por meio de planos de ação pré-estabelecidos. Desta feita, cabe compreender as incumbências da Defesa Civil e os parâmetros da ação do Psicólogo da Psicologia do Desastre. Segundo o CFP:

A partir de 2006, a Secretaria Nacional de Defesa Civil aceitou a proposta de trabalho do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e, em colaboração, foi realizado o I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres. (CFP, 2011, p. 23).

Vale ressaltar adequadamente quais as funções desempenhadas pela Defesa Civil: Esta apresenta o papel de auxiliar e reconstruir e quando se fizer necessário, prevenir e prestar socorro a populações, de maneira a minimizar desastres, ou se possível, evitar que eles ocorram. Refere-se, portanto, à proteção e segurança de comunidades. (MELO e SANTOS, 2011).

Segundo trabalhos apresentados no II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres do CFP (2011, p.11), "A palavra civil vem do latim *civile*, que designava o habitante da cidade: *civitate*". Nesse sentido, cada indivíduo traz consigo uma cultura e, através de seus costumes e crenças, opta por um lugar acolhedor para que possa se instalar; porém, muitas vezes são locais de riscos. Para tanto, entende-se desastre como consequência de um fato ocorrido, quer seja natural ou decorrido por escolhas das comunidades como local de vivência, que acabam sendo danosos aos indivíduos, causando grandes perdas.

Existe um órgão superior, o Conselho Nacional de Defesa Civil, composto por representantes de todos os Ministérios, representantes dos Estados. Há um órgão central - a Secretaria Nacional de Defesa Civil - que é o órgão responsável pela articulação, pela coordenação de todo o sistema. Há órgãos regionais, que ainda não existem no Brasil, mas há previsão. Há órgãos estaduais de defesa civil [...]. E, finalmente, está a base de todo o sistema, que são os órgãos municipais, as Coordenadorias Municipais de Defesa Civil e os Núcleos Comunitários de Defesa Civil. Há os órgãos setoriais, que é toda a Administração Pública: bombeiros, polícia militar, exército, marinha, aeronáutica, Conselho Federal de Psicologia, e os órgãos de apoio ao Sistema. Então, essa é a composição do Sistema Nacional de Defesa Civil. (PIMENTEL, 2006, p. 24).

De acordo com os trabalhos apresentados no II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres do CFP (2011), há toda uma equipe que trabalha em prol do bem estar das comunidades. Várias etapas devem ser percorridas para formar uma equipe capacitada. Somente a partir de 2006, houve um reconhecimento por parte da Secretaria Nacional de Defesa Civil para que fosse aceito o parecer do Conselho Federal de Psicologia (CFP).

Não são todos os casos que há previsão de quando e como um desastre vai acontecer. Para isso, há políticas de prevenção e atuação/resposta a desastres, informando a população quando existe suspeita de que algo pode vir a ocorrer.

Segundo palestra apresentada no I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e Desastres do CFP, Pimentel (2006), afirma que cada vez mais há interesse da política de prevenção com a equipe que oferece suportes à Defesa Civil, com o objetivo de acolher indivíduos que sofreram danos diante de um desastre. Vários recursos já são vistos para a recuperação e reabilitação de afetados, propondo um trabalho que traga melhorias ao afetado não só fisicamente, mas também permitindo uma reestruturação mental.

Para Valencio (2010), é importante que haja destreza para lidar com a organização e comunicação, cabendo aos órgãos competentes essa coordenação das equipes em prol de agir frente à demanda/desastre. Nesse caso, podem estar envolvidas as instituições, sejam governamentais ou não governamentais, para discussão sobre a prevenção e, caso seja necessário, reconstrução dos locais afetados.

A Política Nacional de Defesa Civil (PNDC) do Brasil, instituída por decreto em 1995, criou o Sistema Nacional de Defesa Civil (Sindec) cujos órgãos, nos três níveis de governo (municipal, estadual e federal), deveriam agir integradamente e em prol do cidadão na redução de desastres; ou, em vista do desastre, ampará-lo. (VALENCIO, 2010, p. 751).

A Defesa Civil tem por objetivo preservar as comunidades e as vidas das populações afetadas, tendo por desígnio preparar, prevenir e reconstruir. De acordo com o que Ocampo (2006) apresenta em seus trabalhos, o desastre se apresenta em fases, iniciando-se com a ameaça, prosseguindo para o fenômeno desastroso e por ultima instância o período pós-impacto, sendo que este exige um maior esforço da equipe capacitada para a resolução da situação vivenciada.

Ainda, segundo Valencio (2010), os episódios ocorridos são muitas vezes imprevisíveis, não podendo culpar alguém dos fatos e dos danos causados. São fatalidades vivenciadas corriqueiramente em vários lugares/regiões. Porém, permanece em cada indivíduo a dor da perda. Muitas vezes, são reprimidos e não tratados ou trabalhados, sem saber a quem se dirigir, então permitem que o tempo se responsabilize de tratar dessa dor. No entanto, a população muitas vezes aponta os erros como sendo do Estado, mas entende-se que em muitos casos, esses episódios se dão devido à habitação da comunidade.

Cabe ao Estado se justificar, pois, não havendo recursos necessários para atender toda a comunidade afetada e prevenir que outros fatos ocorram, a Defesa Civil não se torna responsável pelos acontecimentos ocorridos, onde a população não tem direito a exigir garantias de qualidade de vida, tendo em vista que em algumas situações o fato se dá devido a colonização em locais de risco. (VAELNCIO, 2010).

Segundo Rozen (2006), os desastres não estão propriamente relacionados com o desenvolvimento que vem sendo percebido em bairros, cidades ou estados. Não são todos os casos de origem natural, muitos episódios acontecem por origem social.

Ocampo (2006) cita que, quando um episódio acontece, equipes capacitadas são acionadas para lidar com tal fato. O preparo desse grupo gera um maior entendimento em fenômenos desastrosos e saúde mental. Quanto maior o preparo, maior será a facilidade em lidar com a comunidade e oferecer o devido apoio, sabendo que cada indivíduo possui uma reação diferente. Para tanto, agilidade desse grupo ajuda a recompor o cenário o mais breve possível, com serviço de qualidade.

De acordo com os trabalhos apresentados no II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres do CFP (2011), para uma boa preparação da equipe participante em toda a ação – seja ela pré, durante ou pós desastre – faz-se necessário um bom treinamento, a começar pela participação e envolvimento. É importante ter comprometimento com todo o grupo, para que todos estejam a par dos planejamentos e dos processos na organização. É preciso dar o devido apoio à população afetada e interagir, ajudando esses indivíduos para que se sintam incluídos e acolhidos durante os procedimentos adotados.

O papel da Defesa Civil mediante o Brasil são as ações preventivas, que tem como pretensão evitar – caso não seja possível – minimizar o desastre que pode vir a ocorrer. Assim como mencionado nos trabalhos apresentados no II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres do CFP (2011, p. 35), “O direito natural à vida e à incolumidade, foi formalmente reconhecido pela Constituição da República Federativa do Brasil. Compete à Defesa Civil a garantia desse direito, em circunstâncias de desastre”.

Ainda como referido nos trabalhos apresentados no II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres do CFP (2011), incumbe à prevenção: o preparo da equipe para diminuir o percentual de perdas e danos; a resposta que se dá durante o episódio e, por fim, o momento de reconstrução, na tentativa de normalizar a vida e sofrimento dos afetados.

Convém que a população – autoridades, serviços e o público – esteja efetivamente habilitada e dotada de meios para evitar ou minimizar o quanto possível os efeitos de fenômenos adversos ou de situações críticas. Assim, a população deve estar organizada, preparada e orientada sobre o que e como fazer para dar uma resposta eficiente aos desastres. (CFP, 2011, p.59).

Continuando o pensamento anterior, segundo os trabalhos apresentados no II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres do CFP (2011), a Psicologia requer iniciativas para elaborar bons planos a fim de lidar com as questões acometidas a desastres. Faz-se necessária uma organização para receber a população, atendendo a ocorrência e a demanda do caso, principalmente indivíduos que se encontram em maior vulnerabilidade. Deve ainda levar em consideração o psicólogo ser capacitado para colaborar na atuação de outros profissionais inseridos na equipe de Defesa Civil, de modo a prestar assistências necessárias para um melhor desempenho do profissional quer seja pré, durante ou pós impacto, sendo que este atuará junto ao atendimento para com a comunidade.

Melo e Santos (2011) divulgam a recente parceria da Psicologia com a Defesa Civil, sendo recente essa discussão. A grande preocupação é a luta para construções de comunidades mais seguras. Então, essa junção tem com objetivo somar e contribuir em situações que dependem desse tipo de serviço.

4.4 A PSICOLOGIA E O DESASTRE

Após a revisão sobre a História da Psicologia, Psicologia Ambiental e Defesa Civil, cabe-nos expor de forma concisa o papel da Psicologia frente aos desastres e a função da mesma na equipe e no atendimento às comunidades afetadas.

Para entender um desastre, é necessário entender o sentido de 'urgência' e 'emergências', que são distintos da palavra 'desastre'. Segundo o que Molina (2006, p. 53-55) apresentou no I Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres do CFP, desastre está ligado a fatos que ameaçam a vida. A urgência é algo que não deve ser adiado, onde percebe-se um grande risco de vida. A emergência ocorre inesperadamente, porém, mesmo que ocorra, têm-se um tempo para uma intervenção profissional, é um grande sofrimento e o tratamento deve ser realizado por um especialista. Normalmente dispõe de um atendimento antes da tomada de uma atitude.

Molina (2006) comenta sobre como os desastres podem vir a ocorrer por meio natural ou até mesmo causados pelo homem. Nesse caso, não há muito que fazer, se for um acontecimento repentino. Por consequência, afetará a vida das pessoas, de forma a deixar traumas em muitos dos casos. O que pode ser realizada é uma intervenção, preparando a comunidade para alguma eventualidade futura, conscientizando então a população.

De acordo com Ruiz (2003, *apud* Alves, Lacerda e Legal, 2012), o psicólogo deve ter uma visão sistêmica, analisando a realidade do micro, meso, exo e macrossistema. A primeira refere-se às afinidades do indivíduo com a família; a segunda, relações fora da família; a terceira, a comunidade em que está inserido; e a última, a cidade em que ocorreu o episódio com ações que abrangem a complicação que envolve a vivência de uma catástrofe. O trabalho psicológico abrange as atuações no pré-desastre: prevenção de desastres; durante: onde lhe cabe orientar a comunidade e estabelecer tratamentos baseados em evidências; pós desastre: avaliando o sofrimento psíquico e atendendo as vítimas.

Creio que essa preocupação da Psicologia é para mudar o paradigma de uma disciplina patologizante. Respeito profundamente a clínica, mas creio que podemos ir muito além, trabalhar com prevenção e promoção da saúde. Quando nos limitamos ao atendimento pós-desastre, estamos limitando uma grande parte da atuação do psicólogo. (COÉLHO, 2006, p.59).

Na prevenção e promoção de saúde, percebe-se mudanças no trabalho realizado com a população mediante a atuação psicológica, não somente em pós desastres, mas em todo o tempo que faz-se necessária uma intervenção, no sentido de que a melhor alternativa é realmente trabalhar a prevenção. Assim como mencionado por Melo e Santos (2011), que pontuam a importância do psicólogo na precaução e redução dos desastres, igualmente na terapêutica, que acomete a comunidade originada pelo evento ocorrido.

Em entrevista ao Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (2011), a consultora Angela Coêlho argumentou sobre os planos de contingência, ordenados por municípios em consonância com as diretrizes estabelecidas e pelas prerrogativas da União. Embora os planos de contingência sejam estabelecidos por meio de uma colaboração coletiva, o que se vê é um trabalho realizado de forma individualizada em relação ao pós desastre, sem considerar o papel de um psicólogo.

Então, na eventualidade do desastre, o psicólogo vai chegar no local sem informações sobre quais as diretrizes e as providências que estão sendo tomadas e quem está responsável por coordenar tais áreas, e essas informações são imprescindíveis num momento em que está instalada uma situação de crise. (CRP/MG, 2011, p. 1).

Para tanto a participação ativa do psicólogo nos planos de contingência é importante, visto que através dele serão repassadas as coordenadas de ação e as equipes responsáveis saberão desempenhar o seu papel num pós desastre, por exemplo.

Ocampo (2006) frisa o fato de que, em momentos de desastre, faz-se necessária uma equipe de saúde mental capacitada e que possua um perfil de atenção primária. Mas de todo modo, um trabalho pré desastre das equipes deve ser assegurado à comunidade, na medida em que no momento da catástrofe, não há muito que fazer.

De acordo com Susana Rozen (2006), faz-se necessário um trabalho prévio para que os desastres possam ser evitados, pois as marcas que ficam pós a calamidade exigem um grande afazer por parte das comunidades e equipes integradas. Rozen (2006). Segundo esta referida autora: "a participação de profissionais de saúde mental na atenção das consequências do impacto em nível

individual, familiar, social e das equipes de intervenção será um eixo no qual devemos nos basear". (ROZEN, 2006, p. 41)

É importante o psicólogo estar familiarizado com os eventos, colaborando na organização das equipes, mas é inevitável pontuar que ele, de certa forma também acaba sofrendo. Há um desgaste emocional e é importante realizar um trabalho prévio com a equipe, para evitar agravamentos em caso de despreparo. É necessário também saber os limites de cada membro. Em muitos casos, os mesmos não estão preparados para lidar com a morte. Quando há crianças envolvidas, é preciso estar a par da situação e saber lidar com o fato. (Heredia, 2006). O desastre ocorre com todos, mas o sofrimento interno (emocional) é diferente para cada um.

Então, se o psicólogo tem noção de toda essa teoria, já pode prever o tipo e o nível de intervenção e sugerir a construção, dentro dessas instituições, de grupos que discutam, avaliem, com o intuito de melhorar, de trazer a questão da emoção, de que é ruim perder, pois dói muito, e, se não for falado, dói ainda mais, e pode transformar-se em uma dor que se torne incapacitante a longo prazo, com ausências e rotatividade nos setores, o que é prejudicial a todo o grupo. (COELHO, 2006, p. 62).

A respeito do trabalho realizado no momento de um desastre, não é necessário um olhar clínico com os prejudicados, compreendendo que não se trata de uma doença e sim, de uma catástrofe na qual o indivíduo se encontra no lugar inoportuno. (Heredia, 2006). Porém, Vera-Villaruel, Córdova e Celis (2009), *apud* García Martínez, Reyes e Solar, (2014) mencionam que alguns acontecimentos podem incidir no bem-estar e no crescimento de alguns indivíduos, que ainda encontram disposição para o otimismo, esboçando traços consistentes e estáveis em busca de expectativas favoráveis. Desta maneira, frisam a importância de algumas intervenções para conter descargas emocionais, que podem ser prejudiciais, apoiando e ofertando ajuda para lidar com os conflitos por parte da comunidade afetada ou da equipe, compreendendo a realidade de cada indivíduo afetado.

De acordo com Arnoso (2011, *apud* García Martínez et. al, 2014), esses impactos afetam as crenças das pessoas, o que não impede de fortalecer as comunidades afetadas, que tendem a reconstruir novamente suas vidas.

Cada indivíduo reage de maneira diferente ao lidar com seus conflitos. Compreende-se que nem todos estão preparados para expressar o que os machucou internamente após um desastre. Para tanto, é necessária uma

intervenção, que proporcione melhoria de acordo com a demanda de cada pessoa para o momento, apoiando o indivíduo na sua fase de reabilitação, quer seja instruindo a para a adoção de atitude, acolhendo, auxiliando e outras várias formas de dar apoio. Estar capacitado e capacitar equipes só é possível quando há contribuição de todos os envolvidos nos trabalhos realizados, para uma nova construção de vida, de forma que estejam todos preparados para colaborar e amenizar a situação no momento, quer seja como prevenção, no momento ou após a catástrofe.

CONCLUSÃO

A Psicologia é uma ciência que vem ganhando espaço há alguns anos, demandando o estudo do comportamento e estudo da psique. Inicia com um trabalho clínico, dedicada a transtornos e outras problemáticas trazidas aos terapeutas por indivíduos que acreditavam precisar de um atendimento, aconselhamento, reabilitação ou outros trabalhos que poderiam ser oferecidos por esses profissionais. Por muitos anos, a Psicologia se restringiu somente a esse método de atendimento.

Com as mudanças sociais ocorridas há mais de 50 anos, a Psicologia ganhou seu espaço desde que foi "aceita" no Brasil, percebendo a necessidade de também ingressar em outros campos de atuação. A Psicologia adotou novas formas de trabalhar, percebendo a realidade e a necessidade no atendimento às pessoas e às comunidades; propondo a interação com todos, quer seja nas escolas, nas instituições, na saúde, no social, no jurídico, nas urgências e emergências e outros âmbitos multifacetados da existência humana.

Percebeu-se essa necessidade em um momento onde houve grande crescimento social e pelo processo histórico. Nesse cenário, a Psicologia como profissão buscou pela construção de novos métodos, ampliando suas propostas de intervenções. Dessa maneira, o autor Furtado (2012), pontua:

Comemoramos, em 2012, os cinquenta anos da regulamentação da Psicologia no Brasil. É dispensável dizer que a Psicologia brasileira não começou nessa data, a da promulgação da lei, e que ela é uma profissão centenária. Também é dispensável dizer que não há um *locus* fundador, um início retumbante, mas um processo que se instala lenta e gradualmente, conforme as exigências sociais e as confluências de novos e velhos saberes, descobertas, oportunidades. (FURTADO, 2012, p. 68).

De acordo com estudos realizados por Ana Bock, citados por Tada et al. (2010), a Psicologia vem se desenvolvendo gradualmente, lutando por um espaço antes limitado. Diante da ditadura e de visíveis movimentos sociais, percebeu-se a necessidade em graduar e especializar mais profissionais, ampliando o campo de várias profissões e da Psicologia. Essa ampliação e descoberta promoveram o que chamamos de crise da psicologia, datada nos anos 70. Como mencionado por Bock “É dessa experiência que, acho, vão começar a surgir e a se desenvolver novas

áreas e novas possibilidades de intervenção: uma nova tecnologia para o trabalho do psicólogo, ampliando as formas restritas que havia". A Psicologia do Desastre surgiu no intuito de colaborar com a demanda da Defesa Civil, da mesma forma como vão surgindo outras demandas, a Psicologia vai se vendo necessária e acaba por se permitir a possibilitar outros campos de estudo e trabalho, de forma a contribuir e dar suportes necessários.

A Psicologia é um bem social e todos devem ter acesso a ela, mas há uma divisão entre aqueles que acham que essa ampliação significa apenas utilizar os recursos existentes com a nova clientela e aqueles que acham que é preciso construir uma nova psicologia adequada às necessidades da nova clientela. (TADA et al, 2010, p. 251).

De acordo com essa entrevista de Bock, *apud* (Tada et al, 2010) percebe-se que a caminhada percorrida pela Psicologia cresce e conquista novos campos ainda não experimentados por nossa ciência. Mediante às lutas e mudanças enfrentadas e conquistadas, chegamos na área da Psicologia do Desastre, que percebe e busca o sentido de adequação nas necessidades da população, trabalhando frente à urgência e emergência.

Conforme discorrido na pesquisa, percebeu-se que a Psicologia do Desastre ainda é recente, refere-se ao ano de 2006, quando aconteceu a 1^o Conferência sobre o tema, começando a discutir a real importância da Psicologia, no caso de desastres.

Quando falamos em desastres, estes podem ser fenômenos naturais ou tecnológicos. Algumas vezes ocorrem naturalmente e, em outros momentos, por motivos causados pela própria população exemplificados pelos locais de moradia, tais como ribeirinhos e moradores que se instalaram em morros, mesmo sabendo que estão propensos a algum acontecimento que pode atingi-los a qualquer momento.

Esses desastres prejudicam a estrutura social das populações afetadas, podendo causar danos tanto psíquicos quanto físicos, ocasionando a desestrutura da comunidade, como também na economia e infraestrutura do país.

A Psicologia emana fazer esse 'contrato' em união com a Defesa Civil por avistar uma abertura, uma oportunidade em ajudar aos afetados por desastres. Assim como a Psicologia se expandiu a outras várias áreas, pelo fato de realizar um trabalho diferenciado e que realmente traz resultados, notou-se a necessidade de

estar em conjunto com a equipe da Defesa Civil, contribuindo com seus serviços, tornando o trabalho mais eficaz.

Esse trabalho que a Psicologia oferece frente a um desastre não é apenas aconselhamento e acolhimento. São estratégias diferenciadas, que cogitam o preparo de equipes, de modo a reduzir catástrofe e diminuir riscos observados antes que ocorram, oferecendo o melhor para as comunidades e indivíduos que correm riscos ou que já foram afetados.

Não são todos os momentos que há como realizar uma prevenção com a comunidade. Alguns fatos ocorrem sem previsão. Para tanto, realiza-se o socorro e auxílio dos atingidos, buscando pela reconstrução, quer seja pessoal/psíquica ou do local em si afetado. Assim como citado por De Freitas Souza (2012):

[...] A preparação, por sua vez, tem por finalidade melhorar a capacidade da comunidade frente aos desastres para atuar em caso de evento adverso. A resposta visa socorrer e auxiliar as pessoas atingidas, reduzir danos e prejuízos e garantir o funcionamento dos sistemas essenciais da comunidade. A fase de reconstrução, finalmente, abrange as ações voltadas para restabelecer a comunidade atingida, proporcionando seu retorno à normalidade e considerando a minimização de novos desastres. (DE FREITAS SOUZA, 2012, p. 5).

O Psicólogo deve estar preparado para várias situações; não há um padrão de reações nos acontecimentos grandiosos, como em catástrofes ambientais: enchentes, deslizamentos, furacões, secas e outros que poderiam ser citados. Lidar com situações frágeis e pessoas desesperadas buscando uma resposta, é função de toda uma equipe e não somente da Psicologia. Segundo divulgação recente constada pelo CFP (2015) "o trabalho do profissional da Psicologia em emergências e desastres consiste em dar a assistência necessária para o restabelecimento da saúde mental das pessoas atendidas, pelo tempo que for necessário".

Apesar de artigos bem explicativos e repletos de conteúdos, ainda são poucas as pesquisas encontradas que sejam específicas ao tema abordado. Para chegar ao foco da pesquisa, foi realizado um breve histórico do percurso percorrido pela Psicologia em si; sobre a Psicologia Ambiental e a Defesa Civil quanto a urgência e emergência, demonstrando um pouco seu papel enquanto profissão, até que se pudesse chegar ao real sentido do trabalho desenvolvido.

A Psicologia do Desastre é um campo novo que tem como referência maior a Psicóloga Angela Elizabeth Lapa Coêlho. Ela esteve presente desde o I Seminário Nacional de Psicologia em Emergência e Desastre, frisando até o hoje a importância

da prática da Psicologia nesse âmbito. Batalha pelo apoio de Psicólogos presentes na área Social, a fim de prestar suporte em um atendimento de acolhimento com a equipe da Defesa Civil. Para a psicóloga:

A participação de psicólogos em contextos de emergências e desastres já é uma realidade em muitos países do mundo, e mais especificamente em países latino-americanos. Na construção da prática do psicólogo, precisa ser enfatizada a perspectiva de que a cultura da prevenção seja instalada como uma premissa para a atuação dos psicólogos e dos demais atores envolvidos nessa importante tarefa de construir comunidades mais seguras. (COELHO, 2012, p.1).

Os Seminários: I Seminário Nacional de Psicologia em Emergência e Desastre (2006) e II Seminário Nacional de Psicologia em Emergência e Desastre (2011), foram bastante utilizados no decorrer da pesquisa por trazerem uma gama de conteúdos pertinentes ao entendimento e compreensão, acerca do panorama e atuação da psicologia nesse contexto. Esses são muito valiosos para o desenvolvimento da história da Psicologia do Desastre, implantando ideias e acordos que beneficiam e fortalecem o convênio firmado. Estiveram presentes vários outros especialistas do ramo, também de outros países, propondo contribuições para comunidades mais seguras, mostrando seus trabalhos, a importância desse trabalho realizado por Psicólogos, valorizando a prevenção, preparação, resposta e reconstrução de comunidades.

Percebeu-se em vários lugares, notícias de ocorrência de desastres, fortes chuvas que causam deslizamentos, deixam pessoas desabrigadas sem rumo certo, ventanias, secas fortes e queimadas, terremotos e outros. Trazer a Psicologia para lidar com essas situações ainda é algo novo. Quando algo acontece, as pessoas tendem a ficar desorientadas, em busca de melhorias rápidas e, muitas vezes, não sabem a quem buscar ou o que fazer.

Esse "novo" campo ainda não é muito vislumbrado por profissionais da Psicologia. Mesmo que as áreas estejam ampliando e ganhando espaço de destaque, outros campos ainda precisam ser encontrados, desvendando qual papel a ser exercido, como podem ajudar de maneira que consigam auxiliar e dar suporte para outros profissionais tornando o trabalho mais eficaz, rápido e simples.

O interessante é fazer divulgações para que a população saiba que existem equipes capacitadas para ajudar quando algo de tamanha magnitude ocorrer, e que podem receber apoio desses profissionais. Além disso, é importante que a

população possa entender como, onde e quando encontrar essas equipes. Ampliar o campo de estudo e dedicarem-se à publicação neste campo, realizar palestras que divulguem essa nova descoberta nas faculdades também. É uma área que ainda vai crescer bastante, mas se faz necessário partilhar desse conhecimento para instigar outras pessoas.

O tópico conseguinte traz menções a respeito da Psicologia Ambiental que tem grande importância quando se pensa em desastres ambientais, pelo fato de estudar o comportamento humano e a busca inter-relacional com o meio ambiente. Na sequência, o foco foi dado a Defesa Civil do qual abarca toda a estrutura de seu trabalho e de como a Psicologia, enquanto profissão é cabível na equipe para a realização de um trabalho mais íntegro. E assim adentra-se a Psicologia, fazendo a ligação com o desastre, que traz o papel da psicologia frente a uma catástrofe, como agir e em qual momento agir.

Acredita-se que essa organização/sequência permite ao leitor compreender o dinamismo da Psicologia enquanto ciência e profissão, alçando vôos para uma prática alicerçada na prevenção e promoção da saúde mental. Muito já se tem realizado quanto às questões a respeito da Psicologia enquanto profissão, porém novos campos estão a espera de pessoas que querem ajudar outras pessoas. Acredita-se que esta pesquisa alcançou seu propósito, discutindo sobre a atuação do psicólogo frente as urgências e emergências dos desastres ambientais. Não obstante, almeja, mesmo que ainda de forma tímida, contribuir no campo científico, seja como referência a outras pesquisas ou para despertar o interesse de outros futuros colegas de profissão. Que desperte a curiosidade ou até incômodo dos leitores ao se depararem com a possibilidade real e emergente de uma prática, permitindo ao psicólogo estar em um local onde há uma gama de "*settings*" terapêuticos. *Settings* esses bem diferentes dos tradicionais para a Psicologia, pluralizados onde as quatro paredes são a imensidão do Céu ou da Terra, e onde as poltronas dão lugar a possibilidade de existência humana.

REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta Borghetti; LACERDA, Márcia Alves de Camargo; LEGAL, Eduardo José. A Atuação do Psicólogo diante dos Desastres Naturais: Uma Revisão. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 307-315, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n2/v17n2a13.pdf>. Acesso em: 04 Novembro 2014.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. A Psicologia no Brasil: Um Ensaio Sobre suas Contradições. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n. esp., p. 44-65, 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v32nspe/v32speca05.pdf>>. Acesso em: 20 setembro de 2015.

CORRAL-VERDUGO, Víctor. **Psicologia Ambiental: Objeto, “Realidades” Sócio-Físicas e visões culturais de interações Ambiente-Comportamento**. Psicologia USP, 2005, 16(1/2), 71-87. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1678-51772005000100009&script=sci_arttext> Acesso em: 28 Novembro 2015.

COELHO, Angela Elizabeth Lapa. **A Prática da Psicologia em Emergências e Desastres: Perspectivas Sociais e Preventivas**. Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, João Pessoa, 2012. Disponível em: <http://emergenciasedesastres.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/10/TEXTO_ANGELA-COELHO.pdf>. Acesso em: 19 novembro 2014.

Conselho Federal de Psicologia. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: CFP, 2005.

_____. Cartilha – **I Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres: Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras**. Brasília: CFP, 2006.

_____. Textos geradores – **II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres/Conselho Federal de Psicologia**. Brasília: CFP, 2011.

_____. Psicologia e sua atuação fundamental em emergências e desastres. *In*: **Jornal do Federal**. n. 111, 2015, Brasília. **Psicologia e sua atuação fundamental em emergências e desastres**. CFP, agosto 2015. p. 1-20. Disponível em: < http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2015/09/JornalFederal_Agosto_web.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2015.

COELHO, Angela Lapa. *In: I Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres*, n. 1, 2006, Brasília. **Palestra**. CFP, 08 a 10 junho 2006. P. 59-63. Disponível em: < http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/06/cartilha_sn_desastres.pdf>. Acesso em 10 agosto 2015.

Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais. **Entrevista Angela Coêlho – Consultora de emergências e desastres do CFP**. Minas Gerais, 2011.

DE FREITAS SOUZA, Neyde Lúcia. Pensamento Brasileiro em defesa. *In: VI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA (ENABED) E I ENCONTRO SUL-AMERICANO DE DEFESA- ABED.*, n. VI, 1, São Paulo. **A atuação da psicologia em desastres e emergências: uma visão estratégica**. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), 06 a 09 agosto, 2012. P. 1-14. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/rbed/article/view/48910/30597>>. Acesso em: 06 outubro 2015.

FRANCO, Maria Helena Pereira. Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática, **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 2, p. 177-180, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n2/a03v10n2>>. Acesso 20 setembro 2015.

FURTADO, Odair. 50 anos de Psicologia no Brasil: a construção social de uma profissão. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n. esp., p. 66-85, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v32nspe/v32speca06.pdf>>. Acesso em: 20 setembro de 2015.

GARCÍA MARTÍNEZ, Felipe E. et al. Respuestas psicológicas ante un desastre natural: estrés y crecimiento postraumático. *Liberabit*. **Revista de Psicología**, Perú, v. 20, n. 1, p. 121-130, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68631260011>> Acesso em: 15 de Outubro de 2015.

GARCÍA MARTÍNEZ, Felipe E.; REYES, Alejandro Reyes; SOLAR, Felix Cova. Severidad del trauma, optimismo, crecimiento postraumático y bienestar en sobrevivientes de un desastre natural. **Universitas Psychologica**, Colômbia, v. 13, n. 2, p. 575-584, 2014. Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/viewFile/3810/8524>> Acesso em: 26 outubro 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. ed. 5, São Paulo: Atlas, 2010.

GÜNTHER, Hartmut; ROZESTRATEN, Reinier JA. Psicologia ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. **Laboratório de Psicologia**

Ambiental da Universidade de Brasília. Série: Textos de Psicologia Ambiental Brasília, n. 10, p. 1-7, 2005. Disponível em: <<http://beco-do-bosque.net/XTextos/10PsiAmbiental.pdf>>. Acesso em: 20 agosto 2015.

HEREDIA, Arturo Marinero. *In*: I Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres, n. I, 2006, Brasília. Mesa-redonda 3: **Psicologia e emergências sociais**: intervenções nos cotidianos e eventos. CFP, 08 a 10 junho 2006. P. 65-68. Disponível em: < http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/06/cartilha_sn_desastres.pdf>. Acesso em 10 agosto 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisa, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, Cecilia Araujo; SANTOS, Felipe Almeida dos. As contribuições da Psicologia nas emergências e desastres. **Psicol inf.**, São Paulo, v. 15, n. 15, p. 169-181, 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PINFOR/article/viewFile/3177/3045>>. Acesso em: 17 outubro 2014.

MOLINA, **Rodrigo.** *In*: I Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres, n. I, 2006, Brasília. **Psicologia das emergências e dos desastres: uma área em construção História e desenvolvimento a partir da perspectiva chilena.** CFP, 08 a 10 junho 2006. P. 51-58. Disponível em: < http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/06/cartilha_sn_desastres.pdf>. Acesso em 10 agosto 2015.

MOSER, Gabriel A. Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 16, n. 1/2, p. 279-294, 2005. Universidade Paris V, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n1-2/24666.pdf>>. Acesso em 19 outubro 2015.

NEVES, Marlene. **Psicologia Social Contemporânea**: livro-texto. 12 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

OCAMPO, Horacio Toro. *In: I Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres*, n. I, 2006, Brasília. **Conferência: Sistemas de atenção às vítimas de situações de emergências e desastres: contribuições possíveis da Psicologia.** CFP, 08 a 10 junho 2006. P. 15-22. Disponível em: < [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/06/ cartilha_sn_ desastres.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/06/cartilha_sn_desastres.pdf)>. Acesso em 10 agosto 2015.

PIMENTEL, Jorge do Carmo. *In: I Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres*, n. I, 2006, Brasília. **Palestra: O Sistema Brasileiro de Defesa Civil.** CFP, 08 a 10 junho 2006. P. 15-22. Disponível em: <[http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/06/ cartilha_sn_ desastres.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/06/cartilha_sn_desastres.pdf)>. Acesso em 10 agosto 2015.

ROZEN, Susana Chames de. *In: I Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres*, n. I, 2006, Brasília. **As construções teóricas e práticas sobre os conceitos de emergência e desastres.** CFP, 08 a 10 junho 2006. P. 37-41. Disponível em: < [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/06/ cartilha_sn_ desastres.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/06/cartilha_sn_desastres.pdf)>. Acesso em 10 agosto 2015.

TADA, Iracema Neno Cecílio et al. A Psicologia no Brasil. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. spe, p. 246-271, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30nspe/v30speca13.pdf>> Acessado em: 20 outubro de 2015.

TORRES, Aline. Tornado raro destrói cidade em Santa Catarina. **Revista El País.** Santa Catarina, ano 15, n. 20, 2015. Disponível em: < [http://brasil.elpais.com/m/brasil /2015/04/22/politica/1429658455_139701.html](http://brasil.elpais.com/m/brasil/2015/04/22/politica/1429658455_139701.html)> Acesso em: 02 de Setembro de 2015.

VASCONCELOS, Naumi A. **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia.** 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

VALENCIO, Norma. Desastres, Ordem Social e Planejamento em Defesa Civil: o contexto brasileiro. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.19, n.4, p. 748-762, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n4/03.pdf>> Acesso em: 03 agosto de 2015.

WEITEN, Wayne. **Introdução à Psicologia: temas e variações.** São Paulo: Cengage Learning, 2011.